



---

# A SEMIÓTICA DA CULTURA: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação

*Semiotics of culture: note for a communication analysis methodology*

**Ana Paula Machado Velho**

Professora do curso de Comunicação Social e Moda do Centro Universitário de Maringá (Cesumar), jornalista da Assessoria de Comunicação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Maringá, PR - Brasil, e-mail: anapaula.mac@gmail.com

---

## **Resumo**

A Semiótica da Cultura (SC) é um referencial teórico desenvolvido por um grupo de pesquisadores da antiga União Soviética, chamado Escola de Tártu-Moscou/ETM. Essa corrente abrange um legado de discussões, que se dobra sobre aspectos sociais, filosóficos, tecnológicos que, de alguma forma, têm influência sobre a produção signica de determinada cultura e dão conta dos processos de significação e de comunicação de um grupo social. O objetivo deste artigo é mostrar os conceitos básicos dessa proposta e apontá-la como um instrumento de análise e reflexão sobre os mais diferentes tipos de produção cultural, entendidos como processos de comunicação, de organização da informação no ambiente da cultura. Os pesquisadores da Escola entendem a cultura como linguagem, formas de expressão que vão além da esfera social e estão na cultura, abarcando todos os aspectos da vida. São fenômenos que conformam a cultura, por isso os russos se puseram a entender como se manifestam, como produzem significado no cotidiano. Nas reflexões deste artigo, vê-se que os estudos compreendidos pela ETM podem sustentar análises sobre as mais diferentes formas de comunicação e as mais diversas representações dos grupos sociais.

**Palavras-chave:** Comunicação. Semiótica da cultura. Linguagem. Escola de Tártu-Moscou.

## **Abstract**

*The Semiotics of Culture (SC) is a theoretical proposal developed by a group of researchers from the extinct Soviet Union, called Tartu-Moscow School. This chain covers a huge legacy of discussions about social, philosophical, technological aspects, that, somehow, have significantly influence on the sign production of a particular culture, its signification and communication processes. This article aims to show the basic concepts of this proposal and point it as a tool for analysis and reflection on the most different types of cultural production, which are understood as processes of communication, information organization in a special kind of environment: the culture. The researchers of Semiotics of Culture understood the culture as language: strategies of social sphere expression which cover all aspects of life. The investigators spent their lives trying to understand how these languages produce meaning in everyday life. They used to believe that these reflections could support analysis on the most different forms of communication.*

**Keywords:** Communication. Semiotics of culture. Language. Tartu-Moscow School.

---

## INTRODUÇÃO

As formas de comunicação e de representação do mundo acompanham as transformações do homem e se configuram a partir das necessidades dele e dos rumos da história. Resgatar este raciocínio é importante para entender a contribuição da Semiótica da Cultura (SC), um referencial teórico desenvolvido por um grupo de pesquisadores da antiga União Soviética, para o estudo da comunicação. Essa corrente abrange um legado enorme de discussões, que se dobra sobre aspectos sociais, filosóficos, tecnológicos que, de alguma forma, têm influência sobre a produção sócio-cultural de determinada cultura e dão conta dos processos de significação e de comunicação de um grupo social; isto é, tenta entender como são os registros, as representações da cultura nos diferentes suportes que ela dispõe e em diferentes momentos histórico-sociais. O objetivo deste artigo é mostrar os conceitos básicos desta proposta e apontá-la como instrumento de análise e reflexão sobre os mais diferentes tipos de produção cultural, entendidas, aqui, como processos de comunicação, de organização da informação no ambiente da cultura.

A ETM surgiu na década de 1960, na Estônia, a partir da reunião de intelectuais interessados em estudar o papel da linguagem em variadas manifestações culturais, que até então estava circunscrito à Linguística e à Literatura. Os outros sistemas de signos organizados gramaticalmente eram examinados apenas sob o ponto de vista da antropologia, da sociologia, das artes, etc. (IASBECK, 2004).

Os pesquisadores da Escola entendem a cultura como linguagem. Para eles, linguagem é “o elo que une domínios diferentes da vida no planeta” (MACHADO, 2003, p. 25). Por isso, aplicaram-se em compreender toda e qualquer linguagem, todas as formas de expressão, que vão além da esfera social, estão na cultura e abarcam todos os aspectos da vida. São fenômenos que conformam a cultura e, por isso, os soviéticos se puseram a entender como se manifestam, como produzem significado no cotidiano. Perguntavam-se: se as linguagens são sistemas de signos, que regras regem a vida delas e sua ação na cultura? Como se conformam, se constroem?

Irene Machado lembra que quando se fala em semiótica russa, há um enorme referencial de autores dos anos 60 que vem à tona. Esse grupo se desloca da tradição linguística russa, que tem seus expoentes em Roman Jakobson e Mikhail Bakhtin.

Jakobson foi quem se empenhou no “estudo da língua como fenômeno da comunicação” (MACHADO, 2003, p. 13) e ficou conhecido como semioticista da linguística e da poética. Mikhail Bakhtin foi o teórico dos gêneros literários, tinha preocupação com a natureza da linguagem, literária ou não. Trouxe à tona conceitos importantes como o conceito de “polifonia” e “dialogismo”, que ficaram célebres como marcas do seu pensamento.

Os semioticistas da Escola de Tártu-Moscou (ETM), porém, sistematizaram uma metodologia que vinha descrever o mundo das representações além da língua. Eles entendiam que as inúmeras formas de expressão fazem parte de um conglomerado sócio-cultural que vai além “da codificação gráfico-visual do alfabeto verbal” (MACHADO, 2003, p. 13), para eles, a cultura se realiza em sistemas sócio-culturais de diferentes naturezas: o gestual, o visual, o sonoro, o arquitetônico, etc.

Para entender esta perspectiva, em primeiro lugar é preciso compreender a definição de cultura. Para a ETM, cultura é memória não-genética, um conjunto de informações que os grupos sociais acumulam e transmitem por meio de diferentes manifestações do processo da vida, como a religião, a arte, o direito (leis), formando um tecido, um “*continuum* semiótico” sobre o qual se estrutura o mecanismo das relações cotidianas. A cultura é, na visão ETM, inteligência coletiva, um sistema de “proibições e prescrições” (ÀRAN; BAREI, 2006, p. 46) que molda a dinâmica da vida social, mas leva em consideração não só os aspectos do *socius*, mas todos os fenômenos que incidem sobre a consciência coletiva. São programas de comportamento que permitem converter acontecimentos em conhecimento. As informações da natureza e dos fenômenos históricos e ambientais vão inferindo consciência no grupo social e se transformam de não-cultura (informação não processada) em cultura (dados em sistemas com organização), passam a fazer parte da memória coletiva: um signo ganha um só significado para um dado grupo. “A memória [...] é assegurada, em primeiro lugar, pela presença de alguns textos constantes e, em segundo lugar, pela unidade dos códigos ou por sua invariância ou pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação” (LOTMAN, 1996, p. 157). E este processo de conformação cultural é “um gerador magnificamente organizado de linguagens [...] prestam à humanidade um serviço insubstituível ao organizar os aspectos complexos e ainda não de todo claros do conhecimento humano” (MACHADO, 2003, p. 13).

Nas palavras de Irene Machado (2003, p. 13), “do ponto de vista da semiótica, a cultura é [...] um mecanismo supra-individual de conservação e transmissão de certos comunicados (textos) e elaboração de outros novos”. A cultura “não é um depósito, mas um mecanismo, organizado e complexo, que recebe, traduz, compacta e interpreta a materialidade produtiva que adota a função de signos” (ÀRAN; BAREI, 2006, p. 118).

A ETM, na verdade, surgiu de debates que passaram a ser feitos sobre escritos que vinham isoladamente sendo publicados em algumas universidades russas em Moscou, Leningrado (atual São Petersburgo) e Tártu, na República da Estônia. Entre os grandes nomes da Escola estão: Ivanov, Piatigórski, Topórov, Uspiênski e, especialmente, Iuri Lótman, que se tornou um expoente e um aglutinador do grupo. Os debates eram feitos em seminários de verão, nos quais eram apresentadas ideias oralmente, forjando-se um arcabouço científico de alta profundidade, que fez surgir várias coletâneas, dentre elas *Trabalhos sobre os Sistemas de Signos* (TSS), a mais expressiva.

É preciso destacar a atuação de Lótman, que agrega em si os mais fortes postulados da ETM. Ele se firmou como referencial da Escola, coordenando os encontros de verão e as principais publicações de Tártu. Graduado em Letras, teve professores que haviam participado dos movimentos formalista<sup>1</sup> e estruturalista<sup>2</sup>, como Vladimir Propp, conhecido mundialmente por suas teorias acerca do folclore e das fábulas. A carreira acadêmica de Lótman começa na universidade de Tártu, em 1954, dedicando-se à biografia de autores russos do final do século XVIII. Porém, aos poucos, foi deixando de lado o aspecto histórico dos textos literários e passou a se interessar pela maneira como as ideias filosóficas, os modos de ver o mundo e os valores sociais incidiam sobre a estética da produção cultural do planeta, especialmente da literatura e das artes. Foi atraído pelos reflexos que diferentes fenômenos promoviam sobre os valores cognitivos, éticos e estéticos de cada época e começou a descrever estes movimentos culturais como sistemas, influenciado pelas discussões da cibernética e da Teoria Geral dos Sistemas.

Pode-se dizer que é Lótman quem consegue descrever com maior clareza a perspectiva da ETM

como escola de semiótica, resistindo a inúmeros críticos que acusam o grupo de pesquisadores de não construir um arcabouço teórico único, coeso, mas sim publicar discussões sobre “modelos técnicos emprestados de ciências vizinhas, que formam um corpo metodológico aplicado a qualquer linguagem” (SANTAELLA, 1983, p. 76). Ninguém discute que os escritos de Tártu são reflexões individuais dos diferentes nomes da escola em relação a diferentes objetos. Peeter Torop – pode-se dizer, o herdeiro da cadeira de Lótman na Universidade de Tártu – lembra que um aspecto negativo é o fato de que as coletâneas dos TSS apresentam um “jargão de Tártu”, uma metalinguagem muito particular, “que pode parecer ao observador um tanto caótico” (MACHADO, 2003, p. 80).

Essas observações localizam Lótman entre os principais pensadores da ETM, e talvez o mais “teórico”; isto é, com uma proposta metodológica mais abrangente no que diz respeito à possibilidade de aplicação de seus conceitos no estudo dos processos semióticos e na leitura destes processos e dos sistemas de signos que emergem da cultura. Lótman não se pronuncia explicitamente, como fazia Bakhtin, em torno da perspectiva ideológica e sobre o valor cultural dos textos, lembram Àran e Barei. A teoria lotmaniana está centrada nos mecanismos de “automodelação cultural” e nos processos de trocas graduais ou explosivas de informação, chamado de Mecanismo Semiótico da Cultura (ÀRAN; BAREI, 2006).

Junto com Vladimir Ivanov e Boris Uspenski, Lótman empreendeu estudos de confluência da linguística com outras áreas do conhecimento, como a Cibernética, o que proporcionou o desenvolvimento de um modelo para a “compreensão do homem semiótico, da arte como linguagem e da cultura como mecanismo de memória ou de controle” (IASBECK, 2004). E, a partir de um sistema modelizante chamado de primário, que é a língua, Lótman propõe “uma série de fundamentos que funcionam em sistemas não-verbais da cultura, denominados de sistemas modelizantes secundários” (IASBECK, 2004).

Pesquisadores que leram e escreveram sobre as proposições de Lótman destacam que sua descrição do mecanismo semiótico da cultura, permite uma

<sup>1</sup> Influente escola russa (1910 a 1930); os membros do movimento são considerados os fundadores da crítica literária moderna.

<sup>2</sup> Corrente de pensamento que se inspirou no modelo da Linguística e que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações.

análise dinâmica do que se entende por semiose<sup>3</sup> (ANDREWS apud TOROP, 2002, p. 398). A cultura e todas as suas linguagens podem ser estudadas como unidades em movimento feitas de diferentes sistemas de signos, mergulhados num ambiente que sustenta, que permite a formação de sentido, ao qual ele dá o nome de semiosfera. Merrell ainda lembra que Lótman nos leva a entender as expressões da cultura como reflexos de processos e não produtos, “eles são eventos, não coisas que se movem no espaço, como trens num trilho” (MERRELL, 2002, p. 385).

Pode-se, então, dizer que Lótman nos apresenta uma forma de perceber a semiose, especificamente aquela relativa à organização das expressões da cultura como uma grande rede de conexões, fruto de movimentos que conformam o discurso da cultura, tudo isso por meio de um bem estruturado raciocínio teórico.

### As propostas de Lótman

Os pontos de base das propostas de Lótman estão baseados nas referências deixadas pelos primeiros semioticistas russos das primeiras décadas do século XX. Neste momento, a então União Soviética vivia um período de efervescência, na pós-revolução (1917). Valorizava-se a produção cultural e as práticas inovadoras que fizeram surgir movimentos como o Construtivismo; correntes reflexivas como o Formalismo; a fundamentação da Linguística, pelo Círculo Linguístico de Moscou (Jakobson, Victor B. Chklóvski, Boris Eikhenbaum); e o fortalecimento do estudo da poética, no chamado Círculo de Bakhtin. Essas, pode-se dizer, são as fontes de Lótman.

O pesquisador da ETM, porém, estendeu esses estudos a outros sistemas de signos, além da poética e da linguística. Estimulado por uma nova maneira de entender o mundo, trazida pela Cibernética e pela Teoria da Informação, desenhou uma forma particular de descrever toda e qualquer produção signíca.

A Teoria Matemática da Informação trouxe à luz o entendimento das linguagens como sistemas e da informação como mecanismo de coesão e de transformação desses sistemas e deu origem à

Teoria Matemática da Comunicação, ou Teoria da Informação (TI). Os teóricos da TI, Claude Shannon e Warren Weaver (1949), apresentaram um modelo que propunha que uma mensagem é a codificação de uma informação (signo) por alguém ou um dispositivo. Este signo é transmitido a um receptor, utilizando um meio, e na outra extremidade do processo, algo ou alguém o interpreta, o decodifica. Este modelo foi aplicado na comunicação de massa, interpessoal e na comunicação entre máquinas, com o objetivo de mensurar a quantidade de informação que se conseguia transmitir de um ponto a outro, levando em consideração conceitos de entropia, probabilidade, relacionados à redundância e à novidade.

A TI dava conta de explicar processos mecânicos de transmissão de informação, mas não se encaixava na descrição de sistemas culturais. Iasbeck lembra que a cultura é um ordenamento pontuado por convenção coletiva. Ela trabalha com possibilidades complexas, nem sempre passíveis de serem ordenadas previamente de forma ajustada (IASBECK, 2004).

A relação do mecanismo de transmissão de informação com as formas de expressões culturais começou a ser feita pelas ciências cognitivas, surgidas dos estudos da Cibernética, que tentava entender os processos de funcionamento do cérebro, a partir da estrutura das máquinas de pensar, os computadores, enfim, a partir da informática. Destas pesquisas, surgiram estudos sobre a Teoria do Conhecimento e a Teoria Geral de Sistemas. Esta última defende que os processos comunicativos são realidade em diferentes níveis de complexidade. Dão-se por meio de sistemas de signos (semióticos) mais ou menos complexos.

Apesar de ganhar força nos anos 1940, a TGS começou a ser desenvolvida no século XIX, a partir de estudos do biólogo Ludwig von Bertalanffy, que demonstrou serem os vários tipos de seres e processos sistemas que “agem”, “funcionam”, se comportam de uma mesma forma. Para ele, sistema é um “agregado de coisas que apresenta um conjunto de relações entre seus elementos, tal que eles possam partilhar propriedades comuns” (VIEIRA, 1993, p. 29).

Para compreender melhor este raciocínio, lançar-se-á mão, aqui, das ideias de Jorge Vieira. Ele lembra que “a história da evolução é a de um progressivo crescimento da capacidade de conhecer,

<sup>3</sup> Processo proposto por Charles Sanders Peirce, que descreve a lógica de produção e interpretação de signos, das representações de qualquer natureza. Ver SANTAELLA, 1983.

desde os seres primitivos, até os mais complexos” (VIEIRA, 1993, p. 11), como o Homem. É a história da capacidade do sistema psicobiológico humano de se adaptar ao ecossistema natural. E essa adaptação é resultado de processos de troca, de comunicação, de interação entre os dois sistemas. O Homem precisou dominar certos conceitos e informações para conseguir se manter vivo. Para isso, mapeou os dados do ambiente e se adaptou a eles. Isto é; o Homem é um sistema vivo, resultado de uma interação com o ambiente natural. Para interagir com este último, o ser humano utilizou suas características psicobiológicas para trocar informações com este meio, este ambiente. Quanto mais complexos são os sistemas em interação, quanto maior o número de elementos participando deste processo, mais sofisticadas são as opções de troca e, também, as relações que se criam entre eles. Quanto mais complexa se tornou a sociedade, mais complexas foram as demandas de formas de interagir entre seus indivíduos e entre eles e a natureza. Para dar conta deste processo, foram criadas tecnologias de comunicação, que deram origem a diferentes linguagens, que vão construir o arcabouço informacional, *sígnico* da cultura, a qual se expressa nos mais diferentes códigos: o gestual, o verbal, o sonoro, propondo sistemas de signos cada vez mais elaborados, mais complexos.

Em outras palavras, o mesmo movimento que move o Homem, enquanto sistema vivo, a se adaptar ao ambiente natural, move os sistemas de signos produzidos por ele a se adaptarem às necessidades da cultura e se tornarem complexos, mais elaborados, e dar conta de uma organização social cada vez mais sofisticada. Essa dinâmica dos diferentes sistemas é o objeto da TGS, que hoje se aplica à cultura, à biologia e à comunicação.

Os organismos se manifestam, então, de acordo com o ambiente em que vivem, acompanhando suas modificações. E este mesmo movimento se dá nos sistemas culturais, com as formas de expressão chamadas de linguagens. Lótman adotou a perspectiva descrita como linha de pensamento para a sua teoria e descreveu o que chamou de Mecanismo Semiótico na Cultura. Bebeu dos conceitos da Teoria da Informação e da Cibernética, dizendo que a cultura organiza informação em textos (sistema de signos), utilizando programas (códigos) que vão dar origem

às mais diversas expressões humanas, como as leis, a dança, a arquitetura, o teatro, a moda, o jornalismo, a ciência. Assim como qualquer sistema, a cultura adapta a informação necessária à sua perpetuação criando modelos de comportamentos, de expressões corporais, de edificações, de representação, de vestir, de apresentar fatos do cotidiano, de descrição de suas descobertas científicas. Para isso, utiliza-se de códigos inerentes à própria cultura, gerando signos convencionais que, organizados, dão sentido às diferentes expressões dos grupos sociais.

Lótman constrói, segundo Irene Machado, uma semiótica sistêmica<sup>4</sup>. A experiência humana se traduz em signos, um imenso sistema de signos: a cultura, a qual organiza o processo da vida em sociedade criando as regras imprescindíveis à tradução de informações em signos, que são armazenados ou reinterpretados quando novas demandas surgem. Em outras palavras, a cultura é um sistema de armazenamento, processamento e transferência de informação.

Para explicar como se dá esse gerenciamento, o estoniano se apropria do conceito de dialogismo de Bakhtin. Segundo o linguista russo, quando dois indivíduos (ou sistemas) se encontram, compartilham experiências por meio de um processo de experimentação do outro: um “enxerga” o outro a partir da própria experiência, da própria noção que tem de si. O diálogo se dá a partir do que cada um (eu e o outro) tem de diferente e de comum. Sem um referencial próprio de mundo, não há como alguém (ou sistema) se apropriar do que o outro traz de novo. A troca se conforma, se mostra, se formula, ganha sentido, a partir de cada identidade, do olhar sobre o outro e do outro sobre o eu. Santaella lembra que a ação do signo não é individual, “cada ato particular de entendimento é uma resposta a um signo por meio de outro signo” (SANTAELLA, 2004, p. 170).

Um sentido descobre suas profundidades ao encontrar e ao tangenciar outro sentido, um sentido alheio: entre eles se estabelece um tipo de diálogo que supera o caráter fechado e unilateral desses sentidos, dessas culturas. [...] No encontro dialógico, as duas culturas não se fundem nem se mesclam, cada uma conserva sua unidade e sua totalidade aberta, porém ambas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 1982, p. 352).

<sup>4</sup> MACHADO, 2003, p. 156.

Santaella completa este raciocínio argumentando que o sentido não está armazenado nas consciências individuais, mas na relação, nos interstícios entre o falante e o ouvinte. “Sentido é, portanto, linguagem em movimento, diálogo” (SANTAELLA, 2004, p. 168).

Lótman constrói, a partir deste referencial, o seu conceito de tradução. É ele que lastreia o Mecanismo Semiótico da Cultura, descrito da seguinte forma: os sistemas estão expostos a infinitos movimentos de organização que têm como função processar as informações, as demandas que surgem de fora, do ambiente e de outros sistemas. Essas informações que entram no espaço semiótico de determinado indivíduo ou grupo são armazenadas por ele e sofrem um processamento. A partir do repertório disponível na realidade de cada um, os dados são reelaborados, reconformando-se em signos, em textos que estejam em sintonia com sua experiência semiótica. Lótman chama esse processo de tradução da tradição, descrevendo que as linguagens, os textos que já possuem sentido para um grupo social, que fazem parte da memória deste grupo, vão sofrendo processos de reorganização a partir de encontros dialógicos com outros grupos. Traduzem esses dados, estes estímulos para linguagens que estão enraizadas em seu próprio ambiente, em sua tradição, conformando novos signos, novas linguagens e novos textos.

[...] cultura é uma acumulação histórica de sistemas semióticos (linguagens). A tradução dos mesmos textos para outros sistemas semióticos, a assimilação dos distintos textos, o deslocamento dos limites entre os textos que pertencem à cultura e os que estão além dos seus limites constituem o mecanismo da apropriação cultural da realidade. A tradução de uma porção determinada da realidade para uma das linguagens da cultura, sua transformação em texto, ou seja, em informação codificada de certa maneira, a introdução de tal informação na memória coletiva: esta é a esfera da atividade cultural cotidiana (LOTMAN apud OSIMO, 2006).

## Sistemas modelizantes

A cada uma das linguagens que emergem dos movimentos semióticos da cultura, Lótman deu

o nome de sistemas modelizantes de segundo grau. Para ele, a língua é o sistema primário porque é a partir dela que se dá a culturalização do mundo, que a natureza e seus fenômenos e fatos se humanizam; que o pensamento se constrói. A língua modeliza a realidade, que dá lastro à mediação social. Sobre ela se constroem os sistemas secundários, que modelam aspectos parciais dessa realidade (LOTMAN apud ÀRAN; BAREI, 2005, p. 18).

Para Lótman, a língua natural possui um lugar especial na cultura, graças à sua participação em sistemas modelizantes não verbais. Uma releitura de Zylko sobre os escritos de Lótman traz a seguinte reflexão:

a palavra ajuda e comenta cada ato ideológico. O processo de conhecimento de qualquer fenômeno ideológico (quadro, música, ritual e ação) tem lugar somente com a participação da fala interna. Todas as demais formas de criação, o resto de signos não verbais estão submersos no elemento verbal e não podem separar-se completamente dele [...] a língua (como fala interior ou audível) pode inclusive penetrar em esferas não verbais da cultura e pode chegar a ser indispensável para sua existência. A língua atua como a base dos sistemas modelizantes secundários, mas também faz o papel de metalinguagem universal (ZYLKO, 2005).

Pode-se entender, agora, porque Lótman afirmou ser a cultura um grande texto. Assim como ela se reconhece como língua, se autorregula e se autodescreve, por exemplo, por meio de leis e do discurso da ciência, também se expressa na dança, no teatro, no design, na moda. Esses textos, espelhados nas regras da língua natural, a partir da língua e de outras codificações, promovem a manifestação de sentido dos conteúdos da cultura. São “dispositivos pensantes” que se organizam para dar sentido à vida interna de um determinado grupo. A cultura os “escreve” utilizando os diferentes códigos disponíveis em sua memória, chamados códigos culturais,

estruturas de alta complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações [...] constituem um vocabulário mínimo da cultura [...] são culturalizações, quer dizer, são formas convencionalizadas que situam o homem no

ambiente [...] se dão a entender como som, imagem, movimento, textura, cheiro, paladar (MACHADO, 2003, p. 156).

Lótman foi buscar nos estudos do colega linguista Jakobson o conceito de código, a definição deste conceito e as questões relacionadas a ele para a eficiência da comunicação. Para Jakobson, é o código que suporta todo o processo comunicativo; sem um código comum não há comunicação efetiva. Ele propõe a função metalinguística de todo e qualquer discurso, dizendo que os enunciados só podem ser apreendidos se “emissor e destinatário” dividem o domínio do mesmo código (JAKOBSON, 1975). A escolha deste tem peso, tem significação na mensagem.

Lótman vai transferir este conceito, que para Jakobson está na estrutura da língua, para o conceito de estruturalidade, aplicando-o às diferentes linguagens da cultura. Os códigos se acomodam em relações diferenciadas, assumindo escritas diferentes, composições diferentes que vão se reconfigurando com os movimentos da cultura. Esses sistemas modelizantes de segundo grau não possuem estrutura como a língua, mas estruturalidade, relações específicas que dão conta das diferentes situações da vida, isto é, traduzem fenômenos em cultura, não-cultura em cultura.

[...] o ‘trabalho’ fundamental da cultura [...] consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade; cria ao redor do homem uma sociosfera que, como a biosfera, possibilita a vida, não orgânica, obviamente, mas de relação. [...] Para cumprir esta tarefa, a cultura precisa ter em seu interior um dispositivo estereotipador (*stereotipizujušee utrijstvo*) estrutural, cuja função é desenvolvida justamente pela linguagem natural: e é isso que proporciona aos membros do grupo social o sentido intuitivo da estruturalidade (LÓTMAN, 1996, p. 78).

Uma poesia, por exemplo, reconstrói o mundo de maneira específica. Contém referências do texto escrito, mas se apresenta de forma específica, propõe conotações, porém, sempre se mirando ou modelizando, estruturada pela língua mãe e pela forma e pelos sentidos que são buscados na memória da cultura. Cada signo ou texto depositado na

memória da cultura vai formar o “cosmo” sógnico de cada grupo, a que Lótman dá o nome de semiosfera. Para o estoniano, as operações de tradução de experiências em signos que se dão em qualquer cultura só são possíveis porque existe um espaço semiótico que disponibiliza a interação e a produção de sentido. A semiosfera funciona como a biosfera, aquele ambiente com características específicas e elementos disponíveis para serem acessados e dar condições à vida, à cultura. Trata-se da “esfera que possui as características distintivas que se atribui a um espaço fechado em si mesmo. Só dentro de tal espaço se torna possível a realização dos processos comunicativos e a produção de nova informação” (LÓTMAN, 1996, p. 23). A semiosfera seria, então, um ambiente com elementos (códigos culturais) significantes, disponíveis de serem acessados (combinados), que vai dar condições às representações, sistemas de signos que vão dar suporte à reprodução e manutenção da cultura. “Todo espaço semiótico pode ser tomado como um só mecanismo, senão organismo. Assim, a fundação não será este ou aquele tijolo que aparece, mas o ‘grande sistema’ denominado ‘semiosfera’. A semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível a semiose” (LÓTMAN apud ZYLKO, 2005).

Lótman propõe, ainda, que os textos se “reproduzem” por contaminações que se dão nas fronteiras “esponjosas”, nos limites dos diferentes sistemas. Recorrendo ao vocabulário da Matemática, fronteira “é um conjunto de pontos que pertencem simultaneamente ao espaço interior e ao espaço exterior” (LOZANO, 1999). Os textos próximos às fronteiras têm estruturalidade mais frágil dentro da memória dos sistemas. Os novos textos surgem nas chamadas das periferias, organizadas menos formalmente que os centros, onde estão as estruturas mais fortes, construções mais arraigadas de todas as culturas ou sistemas.

A função da fronteira [...] se reduz a limitar a penetração do externo no interno, a filtrá-lo e elaborá-lo adaptativamente. [...] todos os mecanismos de tradução que estão a serviço dos contatos externos pertencem à estrutura da fronteira da semiosfera. A fronteira geral da semiosfera se intersecciona com as fronteiras dos espaços culturais particulares. [...] ela conserva o sentido de um mecanismo *buffer* que transforma a informação. [...] O espaço semiótico se caracteriza pela presença de estruturas nucleares (com

mais frequência várias) com uma organização manifesta e de um mundo semiótico mais amorfo que tem na periferia, na qual estão submergidas as estruturas nucleares (LÓTMAN, 1996, p. 26-29).

Lótman frisa que é nas fronteiras que se dão os encontros dialógicos entre os elementos estruturais das diferentes culturas, dos diferentes sistemas. Os elementos homogêneos na fronteira entre os sistemas permitem a hibridização, o diálogo, e os heterogêneos vão se conformar oferecendo a possibilidade de novos textos, novas composições com novos significados.

A possibilidade de diálogo pressupõe tanto a homogeneidade quanto à heterogeneidade dos elementos. Deste ponto de vista, a diversidade estrutural da semiosfera constitui a base do seu mecanismo. [...] Por uma parte, os sistemas não são idênticos e emitem textos diferentes, e, por outra, se transformam facilmente um em outro, o que lhes garante uma traduzibilidade mútua. Assim, podemos dizer que, para que seja possível o diálogo, os participantes devem ser diferentes e, cada um, ter em sua estrutura a imagem semiótica da sua contraparte (LÓTMAN, 1996, p. 36-37).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos de vida, Lótman promoveu profunda discussão sobre os processos impetuosos de desequilíbrio de determinadas culturas, causados por agentes externos que promovem verdadeiras explosões nas configurações dos textos e na própria semiosfera de cada cultura. Em seu livro *Cultura e Explosão* (editado em 1999), descreve que há processos desacelerados e de aceleração brusca que produzem explosões de textos, de expressões culturais. A tecnologia foi um dos agentes apresentados, já em 1988, no texto *O Progresso Técnico como Problema Culturoológico*, publicado no livro *A Semiosfera I*. Ali ele descreve as técnicas de comunicação apontando as modificações que cada uma delas trouxe às formas de viver do homem, mas, especialmente, às linguagens da cultura, concluindo que “cada brusca virada da história humana põe em liberdade novas forças” (LOTMAN, 1984 apud LOZANO, 1999).

Num momento em que a disponibilidade de recursos tecnológicos promove uma revolução

na capacidade do Homem produzir e fazer circular representações, as reflexões de Lótman e da ETM mobilizam pesquisadores da comunicação. Em outras palavras, as formas de entender a cultura de Lótman e a descrição do mecanismo de organização que ele propõe podem funcionar como método da discussão das mais diferentes representações contemporâneas, como o jornalismo, a moda, as práticas jurídicas, administrativas, econômicas, etc. Todas essas áreas vêm sendo submetidas, ao longo do tempo, a processos de adaptação (ou modelização), que são resultado de diferentes fatores sócio-históricos. Olhando esses fenômenos com as lentes de Lótman, pode-se compreender o processo social, as formas de vida do Homem, entender as mais diferentes informações que cercam o Homem como elementos da cultura, como textos da cultura, como sistemas modelizantes secundários que traduzem para o suporte da realidade contemporânea, as reflexões cotidianas dos diferentes aspectos da vida. Como textos, podem ser compreendidos sob o viés da Comunicação, referendando esta área como um dos mais importantes aspectos de estudo para a compreensão da sociedade, suas crenças e manifestações.

## REFERÊNCIAS

- ARÀN, P. O.; BAREI, S. **Texto/Memoria/Cultura**: el pensamiento de Iuri Lotman. 2. ed. Córdoba: El Espejo, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética de la creación verbal**. Tradução de Tatiana Bubnova. México: Siglo 21, 1982.
- IASBECK, L. C. Cultura em personagens: uma visão publicitária. **Revista GHREBH**, n. 6, 2004. Disponível em: <[www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)>. Acesso em: 21 dez. 2006.
- JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LOTMAN, I. M. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Tradução de Desiderio Navarro. Valência: Frónesis Cátedra, 1996.
- LOZANO, J. Cultura e explosão na obra de Iuri M. Lotman. **Especulo. Revista de Estudos Literários da Universidade Complutense de Madrid**, ano IV, n. 11, 1999. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero11/lotman2.html>>. Acesso em: 3 out. 2006.

MACHADO, I. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: FAPESP, 2003.

MERRELL, F. Iúri Lótman, C. S. Peirce e semiose cultural. **Galáxia**, n. 5, p. 163-185, abr. 2003.

OSIMO, B. **Logosgroup**: curso de Tradução, Modena. Disponível em: <[http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic\\_resources.cap\\_1\\_28?lang=bp](http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.cap_1_28?lang=bp)>. Acesso em: 20 out. 2006.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** Rio de Janeiro: Ediouro, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

TOROP, P. Introduction: rereading of cultural semiotics. **Sign Systems Studies Journal**, v. 30, n. 2, p. 395-404, 2002.

VIEIRA, J. O universo complexo. **Revista Perspicillum**, v. 7, n. 1, p. 25-40, 1993.

ZYLKO, B. La cultura e la semiótica: notas sobre la concepción de la cultura de Lotman. **Entretextos - Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura**, n. 5, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~mcaceres/Entretextos/entre5/zylko.htm>>. Acesso em: 20 out. 2006.

Recebido: 06/10/2009

*Received:* 10/06/2009

Aprovado: 15/11/2009

*Approved:* 11/15/2009

Revisado: 18/01/2010

*Reviewed:* 01/18/2010